

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT12.008](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT12.008)

O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROEJA COMO PERSPECTIVA DE MELHORIA NA QUALIDADE DE VIDA

Arlene Leão de Lima Duarte

Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica, do ProfEPT, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas – IFAL – Campus Benedito Bentes, arlene.duarte@ifal.edu.br;

André Suêlto Tavares de Lima

Prof. Orientador: Doutor – Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas – IFAL – Campus Benedito Bentes. andre.suelto@ifal.edu.br;

RESUMO

As frequentes discussões no campo da Educação Física apontam novos rumos, não só para as peculiaridades do componente curricular, como também em busca de rever o papel desse docente face ao “novo” contexto em que o mesmo se vê inserido, ou seja, a sua atuação junto ao PROEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos). A Educação Física é muito mais que simples prática de esportes, é uma oportunidade de vivência em grupo, socialização, prática de ética e moral, companheirismo, cidadania, entre outros valores que a mesma pode incentivar e até desenvolver. Neste sentido, este artigo tem como tema a Educação Física como perspectiva de melhoria na qualidade de vida do estudante no PROEJA. Esta análise nos dará possíveis contribuições do componente curricular ao PROEJA, além de nos proporcionar uma reflexão a cerca dessa contribuição possibilitando-nos ter uma ampla visão deste tema. Assim, pode-se entender que no PROEJA o papel da Educação Física, seja de compreender, discutir, e propor juntamente com os jovens e adultos os valores e significados que estão por

trás das práticas corporais e como a Educação Física pode melhorar a qualidade de vida desse público, trazendo uma significativa contribuição para o PROEJA e seus estudantes, evidenciando as múltiplas possibilidades da Educação Física. O objetivo deste estudo é analisar o ensino da Educação Física no PROEJA como perspectiva de melhoria na qualidade de vida, destacando os pontos em que a Educação Física pode ser fundamental na Educação de Jovens e Adultos e evidenciar a contribuição que o componente curricular pode fornecer para os estudantes.

Palavras Chaves: Qualidade de vida. Educação Física. PROEJA

1 INTRODUÇÃO

As frequentes discussões no campo da Educação Física apontam novos rumos, não só para as peculiaridades do componente curricular, como também em busca de rever o papel desse docente face ao “novo” contexto em que o mesmo se vê inserido, ou seja, a sua atuação junto ao PROEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos).

Diante disso, é necessário que se faça algumas reflexões sobre a importância da Educação Física como perspectiva de melhoria na qualidade de vida desse público, e que ultrapassem o âmbito de sua formação e atinjam de fato os diversos espaços escolares.

Dessa forma os professores, bem como a escola como um todo devem assumir a Educação Física como uma ação fundamentalmente pedagógica.

A Educação Física é muito mais que simples prática de esportes, é uma oportunidade de vivência em grupo, socialização, prática de ética e moral, companheirismo, cidadania, entre outros valores que o componente curricular pode incentivar e até desenvolver.

Neste sentido este artigo tem como tema a Educação Física como perspectiva de melhoria na qualidade de vida do aluno no PROEJA. Esta análise nos dará possíveis contribuições do componente curricular ao PROEJA, além de nos proporcionar uma reflexão a cerca dessa contribuição possibilitando-nos ter uma ampla visão deste tema.

Destaca-se a relevância do tema tendo em vista a importância da Educação Física, de modo geral, mais especificamente para o público do PROEJA. Com este, faz-se necessário entender que a Educação Física durante muito tempo foi vista como apêndice escolar, como atividade física, e não como componente curricular provido de saberes necessários aos educandos. Tal perspectiva estruturou-se no próprio processo histórico da Educação Física, e o modo como se delineararam as práticas escolares reforçou essa perspectiva. Entretanto, há um movimento, que pode dizer, ser geral nessa área de conhecimento, no sentido de transformar a Educação Física nas instituições de ensino. É nesse percurso que são conquistadas algumas garantias, entre as quais, a presença da Educação Física na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação).

Se a Educação Física tomou estas proporções e importância, evidentemente que se justifica a escolha deste tema evidenciando a relevância e contribuição da Educação Física também no PROEJA. Jovens e adultos também necessitam do saber proporcionado por esse componente curricular, sendo a Educação Física uma prática pedagógica, que busca refletir sobre a cultura corporal, que são as expressões corporais: esporte, ginástica, dança, entre outras, buscando assim contribuir para a autonomia e criticidade dos educandos.

Assim, pode-se entender que no PROEJA o papel da Educação Física, seja de compreender, discutir, e propor juntamente com os jovens e adultos os valores e significados que estão por trás das práticas corporais e como a Educação Física pode melhorar a qualidade de vida desse público, trazendo uma significativa contribuição para o PROEJA e seus alunos, evidenciando as múltiplas possibilidades da Educação Física.

2 METODOLOGIA

O objetivo deste artigo, resultado de pesquisa bibliográfica é mostrar as influências do ensino da Educação Física no PROEJA como perspectiva de melhoria na qualidade de vida desse estudante, abordar os principais aspectos sobre o tema, inclusive as discussões a respeito desse assunto, presente no cotidiano escolar.

A prática da Educação Física em instituições sempre foi vista como uma prática desvinculada do contexto social, era vista meramente pelos aspectos fisiológicos e técnicos. Atualmente a Educação Física vem tomando novas dimensões ao longo dos anos e demonstrando sua importância dentro das organizações educacionais, destacando-se como perspectiva na qualidade de vida no PROEJA. Para tal utilizou-se como fonte de pesquisas, obras como a de Coste que trata sobre a visão dualista do homem que é corpo e alma. Utilizou-se de Santo Agostinho na obra de Gonçalves trabalhando e reforçando as ideias de Coste do corpo que penetra na alma que não só anima o corpo, mas o torna sensível ao mundo exterior. Além desses autores Foucault traz uma excelente contribuição ao artigo porque o mesmo estabelece uma relação de poder no controle dos corpos, buscando sua docilidade e sua submissão e

que essa ação mecanicista vai fortalecer o modo de produção capitalista que vê o homem como um ser que pode ser manipulado e controlado.

Com base na leitura e análise dos materiais encontrados, este trabalho foi estruturado abordando os seguintes tópicos: a Educação Física num contexto história; a Educação Física como identidade; o papel do professor de Educação Física; o PROEJA e seus princípios: princípios da aprendizagem e de conhecimentos significativos, princípios de respeito ao ser e aos saberes dos educandos, princípios de construção coletiva do conhecimento, princípios da vinculação entre educação e trabalho: Integração, princípios da interdisciplinaridade e princípios da Avaliação como Processo; e a Educação Física na educação de jovens e adultos (PROEJA).

2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA EM UM CONTEXTO HISTÓRICO

No desenrolar da história, as manifestações do homem como ser corpóreo se diferenciam, dependendo do seu contexto sócio cultural. Nos primórdios, o corpo se relacionava harmonicamente com a natureza, pois o homem se submetia ao seu ritmo para suprir suas necessidades básicas.

A civilização grega, marco da civilização ocidental nos levou a visão dualista do homem, corpo e alma, pois havia uma dependência do primeiro em função do segundo.

Segundo Platão o corpo era “apenas o lugar de transição da existência no mundo de uma alma imortal” (COSTE, 1981, p.10). Este dualismo ainda se faz presente na sociedade atual, sob outras formas (corpo versus mente; trabalho manual versus trabalho intelectual) e na Educação Física se materializou através da máxima “mente sã em corpo são”. Já na Idade Média, o pensamento platônico é reforçado, sobretudo pelas leituras de Santo Agostinho, que enfatizava a alma, a essência do homem, como o elevado, e o corpo como portador do pecado, que devia ser purificado pela dor (sacrifícios corporais, autoflagelo), desprezando assim tudo que estava ligado à materialidade terrena e ao corpo. Mas, ao enfatizar a alma como essência do homem, Santo Agostinho expõe a ideia de ser a alma o Eu que pensa, que sente e que unifica, inaugurando com isso uma perspectiva para outro entendimento do corpo. Ou

seja, “um corpo penetrado pela alma, que não só anima o corpo, mas o torna sensível ao mundo exterior conforme sua interioridade” (GONÇALVES,1994, p.45).

Com a revolução da ciência e o progresso da sociedade industrial e uma necessidade urgente de ampliar a produção, o corpo passa a ser visto como um instrumento a serviço da produtividade e, conseqüentemente vai perdendo sua espontaneidade e força de expressão, o seu controle e disciplinamento se fazem necessário frente às ações rotineiras do trabalho.

Segundo Foucault (1987, p. 57) “a sociedade estabelece uma relação de poder no controle dos corpos, buscando sua docilidade e sua submissão”. Esta ação mecanicista vai fortalecer o modo de produção capitalista e vê o homem como um ser que pode ser manipulado e controlado. E, nessa civilização capitalista, a visão de corpo e mente é bem distinguida, pois poucos exercem o poder intelectual e o saber, e muitos exercem o trabalho manual.

A produção criativa, pela qual o homem expressa sua totalidade, é transformada em tempo de trabalho e absolvida pelo capital. A automatização física priva a manifestação do espírito, não só alienando o corpo do trabalhador, mas também o deformando pela precariedade de movimento. “Enquanto o trabalho em máquinas agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda a livre atividade corpórea e espiritual”. (ENGELS apud GONÇALVES, 1994, p.63). Além disso, o corpo na sociedade contemporânea parece ser cada vez mais a representação material de tudo o que somos, ou melhor, de tudo que somos induzidos a pensar que somos, o que tem levado, via de regra, à construção de identidades muito parecidas em termos de pensamento, comportamentos e ideais.

Esta forma de conceber o corpo como um mecanismo pelo qual se consegue exercer algum tipo de controle social, foi e vem sendo estudada por alguns autores que creem ser este o exemplo material para o estudo das relações de poder existentes em nossa sociedade. Foucault, por exemplo, aponta que o poder, que nós cidadãos acreditamos estar muito além do nosso alcance, pelo contrário; exerce-se na prática social do dia-a-dia, na relação que nós temos com os nossos corpos e no que é feito ou não com eles.

Foucault nos mostra, através dos seus escritos, que o corpo das pessoas tem sido utilizado através dos tempos como massa de manobra para atingirem objetivos predeterminados, buscando o controle social. Ao começar pelos suplícios (castigos corporais realizados em praça pública, como punição aos infratores da lei). Foucault também nos presenteia com análises que explicitam formas exemplares de utilização dos corpos dos indivíduos como meios de demonstração de poder. Poder este que não se mostrava apenas através da carnificina proporcionada pelo espetáculo em si, mas que fundamentalmente se fortalecia pelo caráter exemplar da cena e o impacto que a mesma tinha sobre o inconsciente das pessoas. De acordo com Foucault (1987, p. 30), as penas tinham, portanto, uma parte considerável.

Os crimes, a natureza dos crimes, o status dos condenados às faziam variar ainda mais. A pena de morte natural compreende todos os tipos de morte: uns podem ser condenados à forca, outros a ter a mão ou a língua cortada ou furada e ser enforcados em seguida; outros, por crimes mais graves, a serem arrebatados vivos e expirar na roda depois de ter os membros arrebatados (...).

Observa-se que neste momento da história, por meio dos corpos dos indivíduos sentenciados, se exercia um poder exemplar que tinha como principal objetivo à repressão e o controle dos desejos pelo espetáculo da carnificina em locais públicos.

Vê-se na sociedade várias ações de domesticação do corpo. Corpos sem significados, rotulados para desempenhar determinadas funções e submetidos aos mecanismos das estruturas do poder.

A escola, por esta ótica, ainda mostra um disciplinamento e um controle do corpo, das ideias, dos sentimentos, uma total anulação. Um disciplinamento que atua no corpo com intenção de transformá-lo num corpo dócil, num corpo preparado para atingir melhores resultados, e no qual o estudante não precisa nem deve questionar, simplesmente executar e assimilar. Tal tradição influenciou significativamente na forma como o corpo adentrou no universo escolar em especial na constituição da Educação Física. No entanto, é preciso que se compreenda a evolução da visão do corpo, e sua importância

para situar a origem e a forma como foi concebida a Educação Física e como pode ser administrada no Proeja numa perspectiva para melhoria na qualidade de vida desse público que via de regra vem reproduzindo um sistema capitalista e controlador.

2.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO IDENTIDADE

No contexto da Educação Física, por um longo tempo como pôde ser observado, sua prática e sua reflexão teórica restringiram-se aos aspectos fisiológicos e técnicos. Entretanto, atualmente vem-se buscando superar essas concepções limitadas do trabalho com o estudante através de uma análise mais crítica que considere também as dimensões “culturais, sociais, políticas e afetivas, presentes no corpo vivo das pessoas enquanto sujeitos que interagem e se movimentam, sendo esses seres socialmente construídos.” (BRASIL, 2000, p. 35).

Com essa preocupação, Barbosa (2001, p.15) chama a atenção quando diz que “a Educação Física é um componente curricular que traz em seu nome, em sua identidade e identificação, o termo, a proposta, o compromisso com a educação”. Ela deve ser vista como qualquer outro componente curricular, com conteúdos e objetivos a serem cumpridos com função educativa, ou seja, entendendo que a Educação Física possui a mesma relevância dos outros componentes, colaborando na formação integral do aluno, já que a mesma tem como função trabalhar os conhecimentos sistematizados acerca da cultura corporal e possibilitando diferentes vivências corporais aos seus educandos.

Nesta perspectiva, a Educação Física deve introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai construí-la e reconstruí-la, instrumentalizando-o para usufruir dos benefícios que essa prática possa “proporcionar de maneira crítica e autônoma, além de promover uma melhoria da qualidade de vida.” (IVO; HYPOLITO, 2008, p. 36).

Ainda nesse sentido, Gonçalves (1997, p. 75) nos fala da importância existente no fato de o professor proporcionar aos estudantes movimentos portadores de um sentido para os mesmos, uma vez que os movimentos mecânicos realizados abstratamente só contribuem para a inibição da criação e da participação destes em aula

e, por consequência, os torna indivíduos que deixam de interpretar o mundo por si próprio e passam a interpretá-lo pela visão dos outros.

Sendo assim, a Educação Física assume a função de possibilitar a formação integral do estudante, promovendo autonomia. Kunz (2001, p.107) ressalta que “a concepção crítico-emancipatória, busca alcançar, como objetivos primordiais do ensino e através das atividades com o movimento humano, o desenvolvimento de competências como a autonomia, a competência social e a competência objetiva”. Seguindo esta lógica Ilha; Krug (2008, p. 84) salientam que “a emancipação dos educandos em busca de uma participação mais ativa na sociedade em que vivem embasará, conseqüentemente, uma atuação profissional voltada à formação de estudantes mais autônomos e crítico-reflexivos”.

A partir disso, torna-se necessário rever constantemente as ações desenvolvidas nos contextos educativos, procurando associar essas concepções às práticas da Educação Física buscando abrir possibilidades de melhoria na qualidade de vida dos alunos do PROEJA.

2.3 O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Em consonância com o que foi relatado delinear-se novas inquietações, as quais buscam responder qual é o papel de educador/professor de Educação Física no PROEJA. Essa compreensão pode ser relacionada com uma proposta crítico-emancipatória, a qual se justifica no ensino da Educação Física “com a intenção de esclarecer as razões e as necessidades de introduzir, na escola, uma nova forma de tematizar o ensino, neste caso, o ensino do movimento, em especial, os esportes” (KUNZ, 2001, p.13).

Também se pode evidenciar o papel do professor de Educação Física que na verdade é o de garantir ao aluno o acesso aos conhecimentos sistematizados da cultura corporal. Conforme o Coletivo de Autores (1992,p.63), “a Educação Física é entendida como uma disciplina que trata de um tipo de conhecimento denominado cultura corporal, que tem como temas: o jogo, a ginástica, a dança, o esporte e a capoeira com vistas a dinamizar o ensino e promover a descontração”.

Outro aspecto a ser observado é o de desenvolver os conteúdos de forma lúdica e prazerosa para os alunos. Segundo Freire (1989), “é necessário que o professor tenha criatividade nas suas aulas, para que estas não se tornem rotina para os alunos e para o próprio professor”. É preciso criar junto aos estudantes opções de realização das atividades, buscando trabalhar o movimento através da ludicidade. Colaborando na formação dos estudantes, isso deve ser um fator importante a ser trabalhado nas aulas de Educação Física. Analisando desta forma, que o professor não pode perder de vista os objetivos e as especificidades do componente curricular, sendo a formação do estudante uma preocupação de todo âmbito escolar.

Ao desenvolver atividades práticas e que desenvolvam a reflexão deve ser considerado que, o binômio ação/reflexão que deve fazer parte do trabalho desenvolvido pelo professor. O “ser-professor” significa compreender o processo educativo como um processo de construção através da ação reflexiva de um sujeito consciente do seu papel social, respeitador das diferenças, e que traz consigo a atitude de mudança e do agir (ILHA; KRUG, 2008, p.1).

Nesta mesma linha de pensamento Cristino; Krug (2008, p.71) pontuam que “Incansavelmente é tema de debate a importância do trabalho em equipe, da reflexão e de recursos adequados para o exercício adequado da docência”. Principalmente em se tratando de estudantes do PROEJA, com especificidades que precisam ser levadas em consideração. No entanto, no estudo destes autores foi percebido que o trabalho reflexivo ainda se encontra afastado do cotidiano das práticas educativas devido a fatores como, por exemplo: escassez de carga horária, falta de materiais, espaços físicos adequados, a falta de entendimento dos gestores em atender à demanda além de suprir as necessidades do estudante do PROEJA.

Por fim, é preciso também repensar o perfil do professor de Educação Física representando assim uma concepção ampliada de formação, a qual destaca a importância de o professor dar continuidade a seus estudos, revendo seus saberes e suas práticas pedagógicas, a fim de continuar o processo de construção e reconstrução do ser docente. O professor deve ter consciência que o estudante do PROEJA é um ser em condições “especiais”, com necessidades específicas.

2.4 O PROEJA E SEUS PRINCÍPIOS

O PROEJA está alicerçado na formação para atuação no mundo do trabalho, no modo próprio de fazer a educação, considerando as especificidades dos sujeitos jovens e adultos e a formação para o exercício da cidadania. Na busca da integração proposta pelo PROEJA entre o ensino fundamental e a formação inicial para o trabalho, faz-se necessário o conhecimento das especificidades desses campos, incorporando essas concepções na construção de um currículo integrado. Dessa forma, para a implantação dessa nova concepção educacional, é fundamental considerar que o jovem e adulto é trabalhador e cidadão e que o ponto de partida é o sujeito educando, percebido nas suas múltiplas dimensões, das quais se destacam a sua identidade como jovem ou adulto, trabalhador e cidadão, que se afirmam a partir dos referenciais de espaço, tempo e a sua diversidade sociocultural.

Considerando esses pressupostos, podem-se definir alguns princípios que fundamentam o PROEJA.

2.4.1 PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM E DE CONHECIMENTOS SIGNIFICATIVOS

A aprendizagem significativa é o processo pelo qual um novo conhecimento relaciona-se com os anteriormente construídos, ou seja, com os conhecimentos prévios. Do mesmo modo, os conhecimentos significativos são aqueles que se relacionam com a vivência, a prática e o cotidiano do trabalhador e que lhe permitem, a partir da motivação, a aquisição de novos conhecimentos.

2.4.2 PRINCÍPIOS DE RESPEITO AO SER E AOS SABERES DOS EDUCANDOS

Jovens e adultos trabalhadores possuem identidades e culturas particulares, forjadas por um conjunto de crenças, valores, símbolos, do mesmo modo, trazem uma gama de conhecimentos oriundos da sua formação anterior, da sua prática no trabalho e das suas vivências fora do trabalho. Todos esses saberes devem ser considerados no processo educativo, articulados com os novos

conhecimentos que se produzem tanto no âmbito escolar, quanto no meio social, na perspectiva de aplicação prática. A consideração desses saberes pode ser concretizada pela certificação.

2.4.3 PRINCÍPIOS DE CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO

O processo de construção do conhecimento é individual, entretanto, ele é mediado por múltiplas formas de interação social, incluindo-se aí as práticas escolares propostas pela instituição, viabilizadas pelo educador e compartilhadas entre o grupo de alunos. A construção coletiva de conhecimento contribui para tornar os conteúdos significativos para o

grupo, além de propiciar a cooperação entre os educandos, possibilitando avanços cognitivos e afetivos.

2.4.4 PRINCÍPIOS DA VINCULAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E TRABALHO: INTEGRAÇÃO

Entre a educação básica e a profissional e tecnológica. Essa vinculação exige o rompimento com a tradicional fragmentação entre educação básica e educação profissional, promovendo sua construção de forma integrada e colaborativa. A educação integrada propicia a reconstrução de conhecimentos e atitudes ligados à emancipação humana, à cidadania e ao trabalho, condições necessárias para uma efetiva participação na vida social, política, cultural e para a reinserção digna no mundo do trabalho. Existe uma relação indissociável entre trabalho e educação, que se baseia na aquisição e produção de conhecimento pelos trabalhadores no e para o processo de trabalho. Essa é à base das sociedades humanas e nos tempos atuais, mais do que nunca, isso significa uma forte relação entre a tecnologia e a vida humana, o que tem reflexos sobre a educação.

Para se reinserir no mundo do trabalho numa perspectiva emancipada é preciso conhecer as tecnologias para saber aplicá-las, usá-las criticamente, o que pressupõe uma educação básica sólida.

2.4.5 PRINCÍPIOS DA INTERDISCIPLINARIDADE

Com o objetivo de superar a fragmentação do conhecimento e qualificar as práticas educativas, se faz necessário tomar a interdisciplinaridade como referência, substituindo a visão positivista, centrada nas distintas disciplinas isoladamente, para assumir uma visão de processo, defendendo a ideia do conhecimento como uma construção em rede, em diálogo entre as disciplinas. Com essa perspectiva pretende-se substituir os processos de transmissão lineares, por estratégias organizadoras de reconstrução de conhecimentos a partir da relação teoria-prática.

Não obstante, é preciso ter claro que a interdisciplinaridade não pode ser entendida como a fusão de conteúdo ou de metodologias, mas sim como interface de conhecimentos parciais específicos que têm por objetivo um conhecimento mais global. É, pois, uma nova postura no fazer pedagógico para a reconstrução do conhecimento.

2.4.6 PRINCÍPIOS DA AVALIAÇÃO COMO PROCESSO

A avaliação é concebida como momento de aprendizagem, tanto para educandos orientador do planejamento, com vistas a promover a aprendizagem e avanços dos alunos e alunas.

Qualquer metodologia de trabalho exige uma reestruturação curricular; a reorganização dos tempos e espaços da escola; investimentos na formação continuada de professores, tendo em vista o seu aprimoramento, tanto na dimensão profissional quanto na dimensão das relações pessoais; e uma coordenação pedagógica efetiva capaz de viabilizar tais procedimentos.

Deverão ainda ser contempladas nas práticas pedagógicas as áreas de conhecimento como: Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, articuladas com as disciplinas da qualificação profissional selecionada.

Sabe-se que uma proposta dessa natureza não ocorre sem conflitos e resistências, pois como afirma (GUSDORF apud FAZENDA, 1999, p. 24) “ela ameaça, ainda, a autonomia dos especialistas que não ousam suscitar questões estranhas ao seu campo particular e nem permitem que outros interfiram em sua área específica”, visto

que tais especialistas são oriundos, de um modo geral, de uma formação onde tal posicionamento é defendido.

Apesar de as demandas para implementação de tal proposta não serem de fácil execução, experiências em diferentes municípios brasileiros atestam a viabilidade dessa forma de organização, quando há vontade política e crença de que ela permitirá um atendimento das reais necessidades do atual perfil do jovem e do adulto que retornam ao ambiente escolar formal para dar continuidade à sua formação básica.

Para implementação dessa proposta, não será necessário substituir na sua totalidade a organização disciplinar vigente. O proposto e desejável é que, paulatinamente, projetos de trabalhos integrados, significativos para cada uma das comunidades a que se destinam, sejam propostos, realizados e avaliados por grupos de professores engajados nessa modalidade trabalho, ou seja, para que o processo ensino aprendizagem possa acontecer de modo satisfatório e atender de fato às necessidades do aluno do PROEJA, é preciso entender que a educação física pode e deve fazer parte desses projetos tendo como um de seus objetivos a melhoria na qualidade de vida desses alunos.

2.5 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (PROEJA)

Pode-se observar que desde o início da colonização a educação no Brasil esteve majoritariamente a serviço da classe dominante e aos interesses dos governantes. É visível, no decorrer dos anos, uma educação excludente, tornando as classes dominadas cada vez mais enfraquecidas. No entanto, em cada momento histórico, existiram pessoas possuidoras de uma visão consciente de que a educação deve ser estendida a todos com igualdade de direitos e oportunidades, ou que pelo menos as desigualdades fossem diminuídas ou atenuadas, estudaram e apontaram formas que melhorassem a qualidade de vida e do ensino. Com o PROEJA não foi diferente.

Ao longo do PROEJA, muitos movimentos aconteceram e tiveram sua importância. Mas, o que mais marcou foram às experiências

vividas por Paulo Freire no Nordeste no início da década de 60. Experiências essas que se multiplicaram e foram disseminados.

Tais experiências ajudaram a mudar a concepção sobre quem é o sujeito do PROEJA. São pessoas que se encontram em classes sociais diferentes, as mais diversas idades, porém, com algo em comum, o déficit de conhecimentos. Buscar entender como se comportam sujeitos que punccionados por movimentos distintos, almejam o mesmo ideal, aprender. Como cada um desses educandos percebe a necessidade de voltar à sala de aula depois de tanto tempo indiferente da causa que o excluiu do ensino regular em idade escolar. Na sua maioria, são pessoas que depois de um dia de trabalho, muitas vezes forçado, se sujeitam a frequentar uma sala de aula. Cada um com sua subjetividade agilidade e capacidade de entendimento. Com a facilidade de se adaptarem ao procedimento frente às diversidades sociais.

Se refletirmos sobre quem são os sujeitos que buscam a educação de jovens e adultos, e os motivos pelos quais foram excluídos da educação regular, num sistema social que não considera sua própria estrutura, que exprime ao mesmo tempo a sua diversidade e sua generalidade em relação a outros sujeitos; diríamos que na verdade são sujeitos que diariamente fazem contas, vão ao supermercado, viajam, trabalham, amam, choram, riem e sentem indignação pela condição imposta por uma minoria. E quem as ensinou isto? Foi toda uma relação de interações vivenciadas e mediadas na rua, na igreja, na família, etc. Foi aprendido no cotidiano das relações interpessoais. E a escola que ensina? A decodificação, a segregação, o pragmatismo, o individualismo. Segundo Garcia, (1997, p.2) que reflete sobre a inclusão numa linha histórico-social onde o ser humano é visto “num processo contínuo de desenvolvimento através da aprendizagem”.

Sabemos que de modo geral a escola tem sido excludente ao longo da história, tendo cumprindo a função social de segregação de algumas pessoas em detrimento das outras, do branco em relação ao negro, dos fortes em relação aos fracos, dos “deficientes” em relação aos ditos “normais”.

O jovem e o adulto retornam à escola motivados pelas mais diferentes razões: a própria angústia existencial do ser inconformado, buscando sempre novas respostas para seus problemas, o

sonho de conquistar melhores salários, ameaça de desemprego, a necessidade de contribuir mais eficazmente na formação dos filhos, a realização pessoal, por serem excluídos, entre outros. Esses são fatores de pesos nesse processo. E o simples fato de que o homem e a mulher são seres sedentos de novas experiências, contribui muito para a volta as salas de aula.

Desse modo, segundo Freire, (1975, p.21) “não podemos pensar numa alfabetização de jovens e adultos centrada no autoritarismo e na compreensão mágica da palavra doada pelo professor ao educando; ao contrário, o que se põe é uma alfabetização como ato do conhecimento, como ato criador e como ato político”.

A Educação Física é muito mais do que a prática de movimentos repetitivos com objetivo apenas de as qualidades físicas. Ela é um agente transformador social, e deve ser vista como perspectiva na melhoria da qualidade de vida para os alunos do Proeja.

Considerando essa perspectiva a Educação Física para o PROEJA, poderia ter como objeto de estudo e pesquisa, o homem e sua produção cultural, no tocante a reflexão sobre o corpo, a sociedade desenvolver, a ética, a estética e as relações inter e intrapessoais. Uma proposta desse tipo seria o reconhecimento e a valorização dos conhecimentos da Educação Física para o PROEJA.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo o sujeito um ser indissolúvel, não podendo ser separado corpo e mente, é preciso realizar um trabalho harmonioso, onde ambas evoluam e encontrem um ponto de equilíbrio. Essa visão, por muito tempo, de acordo com a história da Educação Física não era aceita pela sociedade que encarava a relação corpo/mente como o preparo da mente para quem comandava e o preparo do corpo para os comandados. Essa visão adquiriu outras conotações com o transcorrer do tempo, e hoje, tanto o preparo do corpo quanto da mente é de suma importância para a evolução e melhoria da qualidade de vida de todos, mas principalmente para alunos do PROEJA na busca da formação integral do homem. Um dos pontos tratado e analisado no estudo, refere-se à importância em entender o desenvolvimento histórico da Educação Física, como era vista e como é vista hoje.

A Educação Física no PROEJA não é explicitada, tendo a mesma a necessidade de ser inserida. A prática da Educação Física, baseada em alguns aspectos na facultatividade dos cursos noturnos que tratava a Lei (LDB), já que a maioria das escolas que trabalham com o PROEJA são oferecidos no turno noturno, não descartando a possibilidade de sua inclusão no currículo, nesse seguimento de educação formal da educação básica.

Outro ponto abordado na análise do estudo foi à falta de espaços e materiais para a prática da Educação Física, bem como, o emprego do movimento pura e simplesmente constante e, ultrapassados pelos conceitos de totalidade do sujeito e, pelos espaços ocupados pela Educação Física ser na e da escola, quando trata do trabalho da Educação Física e a corporeidade.

Fica evidente a a inclusão da Educação Física ou necessidade da mesma, e salienta sua importância quando ressaltamos o processo formativo do sujeito em desenvolvimento físico e mentalmente (global) para os alunos do PROEJA. Assim sendo, visando à melhoria da qualidade de vida.

Neste trabalho procurou-se sintetizar pequenos aspectos significativos do processo de investigação, salientando como a Educação Física pode se transformar num agente de melhoria na qualidade de vida no PROEJA numa perspectiva de análise buscando visualizar o que se evidencia para a Educação Física em termos de proposta de seus conteúdos para esses sujeitos.

Assim, sugere-se além de estudos que venham ao encontro da importância da Educação Física para e no PROEJA, a elaboração de uma proposta curricular que contemple mais essa alternativa de conhecimento à formação do ser humano, como reconhecimento às várias linguagens e expressões que do sujeito é de direito. Essa meta poderá ser almejada com um esforço coletivo dos profissionais da área na prática sistemática da Educação Física nas escolas, intervindo mais efetivamente na educação e na promoção do bem estar desse público em especial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o exposto através deste artigo buscou-se refletir como o ensino da Educação Física no PROEJA pode ser visto

sob a ótica de perspectiva de melhoria na qualidade de vida desse aluno com necessidades específicas além da compreensão acerca da função do componente curricular Educação Física, bem como o papel do professor nesse contexto. A análise das informações nos remeteu a novas percepções tanto dos profissionais sobre tal temática, visto que, prevalece neste momento uma visão mais coerente com as propostas e objetivos almejados, como a reformulação de conceitos para atender ao PROEJA.

Acreditamos que a grande questão que pode nortear a Educação Física se refere a problematização de sua verdadeira função enquanto componente curricular obrigatório ou não incluído no processo de educação. Assim, será tarefa dos professores de Educação Física construir o conhecimento necessário para selecionar, delimitar, direcionar e fundamentar a concepção de Educação/Educação Física que acredita ser adequada nesse processo de ensino.

Também ficou compreendida a importância que o professor de Educação Física tem em proporcionar aos estudantes atividades cuja caracterização permitam aos mesmos diferentes aprendizagens e vivências. Em torno disso é que se situa a grande discussão que se faz a respeito da Educação Física na atualidade, uma vez que muitos a veem como um estímulo ao simples desenvolvimento físico através de gestos e movimentos padronizados, “tirando assim o caráter educacional pertencente à Educação Física que visa atuar sobre a formação do caráter humano e contribuir para um maior rendimento do trabalho intelectual (BARROS; BARROS, 1972). Mostrando que o ensino da Educação Física é capaz de contribuir com a dinâmica escolar, tornando a escola mais atraente, valorizando-a. Significa dizer que é preciso levar em consideração as problemáticas enfrentadas pelo estudante do PROEJA por terem necessidades de reinserção e resgate aqui comentadas e que demonstram a necessidade de se produzirem mudanças na forma de atuar na e para a escola, de forma mais eficaz buscando novos caminhos para a função da Educação Física. Por isso é importante considerar o que Kunz (1999, p. 87) fala, que “é difícil discutir sobre a questão metodológica do ensino da Educação Física, mas devemos nos preocupar, também, com questões mais próximas da prática pedagógica do cotidiano escolar”, como por exemplo, a

relação (interrelações) entre a construção dos objetivos, a seleção de conteúdo das aulas e as decisões sobre a operacionalização dos procedimentos de ensino.

5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, C.L.A. **Educação Física Escolar: as representações sociais**. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

BARROS, D.; BARROS, D. **Educação Física na escola primária**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: CNE/CEB, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**/ Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

COLETIVO DE AUTORES, **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTE, J. C. **A psicomotricidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CRISTINO, A.P.; KRUG, H.N. **Um olhar crítico-reflexivo sobre a formação continuada de professores de educação física da rede municipal de ensino de Santa Maria (RS)**. Movimento, Porto Alegre: UFRGS, v.14, n.1, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE DA SILVA, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. Campinas: Scipione, 1989.

GARCÍA, R. M. C. **A educação de indivíduos que apresentam seqüelas motoras: uma questão histórica**. Cadernos CEDES. A nova LDB e as necessidades educativas especiais. V. 19. Campinas: 1997.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação.** São Paulo: Papyrus, 1994.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2ª ed., 7ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica: 2004.

_____. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação.** 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

GUSDORF A.; FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria.** 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HURTADO, N.C. **Educar para transformar, transformar para educar: comunicação e educação popular.** Petrópolis: Vozes, 1993.

ILHA, F.R.S.; KRUG, H.N. O ensino crítico-reflexivo como proposta educativa na Educação Física escolar, 2008b.

IVO, A.A.; HYPOLITO, A.M. Contextualizando a disciplina de Educação Física no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, XXVII, 2008. **Anais...** Pelotas: ESEF/UFPEL, 2008.

KUNZ, E. A imprescindível necessidade pedagógica do professor: o método de ensino. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano XI, n. 13, 1999.

_____. **Educação Física: ensino & mudanças.** 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física.* São Paulo: Cortez, 1992.